

LÚCIO CARDOSO E CLARICE LISPECTOR: A EXISTÊNCIA PROBLEMATIZADA POR MEIO DAS PERSONAGENS ANA E CRISTINA

LÚCIO CARDOSO AND CLARICE LISPECTOR: PROBLEMATIZED EXISTENCE THROUGH ANA AND CRISTINA CHARACTERS

Luciana de Barros Ataíde¹

Resumo: A produção literária da escritora brasileira Clarice Lispector (1925-1977) e de Lúcio Cardoso (1912-1968) apresenta semelhanças no que diz respeito à exposição de alguns temas. Tal proximidade pode ser vista na construção de personagens marcadas pela análise introspectiva por meio da constatação da vida em curso e do sentimento de solidão. Assim, o presente artigo consiste na exposição da trajetória existencial de Ana, personagem do romance *Crônica da casa assassinada* (1959), de Lúcio Cardoso; e da personagem Cristina, do conto “Obsessão”, de Clarice Lispector, publicado na obra *A bela e a fera* (1979). Embora Ana seja personagem de romance e Cristina de conto, o que se pretende aqui não é traçar o perfil composicional de gêneros textuais e/ou literários, mas apresentar o ser que se coloca em questão figurada nessas duas personagens.

Palavras-chave: Ana. Cristina. Ser. Existência.

Abstract: The literary production of the Brazilian writers Clarice Lispector (1925-1977) and Lúcio Cardoso (1912-1968) presents similarities with regard to the exposition of some themes. Such proximity can be seen in the construction of characters marked by introspective analysis through the verification of life in progress and the feeling of loneliness. Thus, the present article consists of exposing the existential trajectory of Ana, character of the novel *Crônica da casa assassinada* (1959), by Lúcio Cardoso; and the character Cristina, of the short story “Obsessão”, by Clarice Lispector, published in *A bela e a fera* (1979). Although Ana be a character from a novel and Cristina from a short story, what is intended here is not to draw the compositional profile of textual and/or literary genres, but to present the being that is put into question figured in these two characters.

Keywords: Ana. Cristina. Ser. Existence.

Para começo de conversa...

Em 1959, o autor Lúcio Cardoso presenteia seus leitores com uma obra inovadora ao criar personagens sem máscaras, revelando a complexidade dos sentimentos inerentes aos seres humanos. Assim, *Crônica da casa assassinada* revela-se como uma narrativa construída por meio da subjetividade, já que a história é transmitida pela lente de várias personagens, apresentando-se sob diversos pontos de vista. Nesse romance, destaca-se a personagem Ana

¹ Doutoranda em Letras – Estudos Literários – Universidade Federal do Pará (PPGL/UFPA). Endereço Eletrônico: lbataide@gmail.com

quando se pensa no peso da sociedade patriarcal sobre a mulher tolhida de desejos e direitos, ou seja, um ser subjugado à entificação. Esposa de Demétrio - patriarca da família Meneses -, Ana precisava construir sua identidade, viver suas escolhas, expor suas angústias e sonhos.

Sem poder decidir o rumo da própria vida, seu destino foi servir a casa dos Meneses com total submissão, já que desde menina recebera uma educação que a preparasse para integrar a poderosa e austera família, representante do tradicionalismo patriarcal mineiro. Assim, é a personagem que, com toda amargura, caracteriza a mulher criada para não ter vontade própria e para estar confinada aos limites da casa, conforme ela mesma confessa:

Desde criança fui educada para atravessar esses umbrais que julgava sagrados, quer dizer, desde que o Sr. Demétrio dignou-se escolher-me para sua companheira permanente. Eu era menina ainda e desde então meus pais trataram de cultivar-me ao gosto dos Meneses. (CARDOSO, 1959, p. 99).

Em complemento a esse descontentamento, diz ainda que “A casa dos Meneses esvaiu-me como uma planta de pedra e cal que necessitasse do meu sangue para viver”. (CARDOSO, 1959, p. 99). Esses dois relatos são suficientes para que se perceba a anulação dessa personagem em detrimento de uma vida coisificada. Assim, a existência de Ana, por meio da visão que ela mesma tem de si, é apresentada em forma da confissões que ela destina a um padre.

Já o conto “Obsessão”, com produção datada de 1941 e pertencente ao grupo de contos da juventude de Clarice Lispector, chega a público em 1979 em publicação póstuma no livro *A bela e a fera*. Narrado em terceira pessoa pela protagonista Cristina, é construído de forma que essa personagem exponha sua experiência a fim de esclarecer aspectos sobre si mesma e sobre a própria vida, e então apresentar o processo de transformação que se dá em seu interior.

No primeiro momento da narrativa, Cristina descreve sua infância comedida, tranquila e superficial:

Nasci de criaturas simples, instruídas pela sabedoria que se adquire pela experiência e se advinha pelo senso comum. Vivemos, de minha infância até meus quatorze anos, numa boa casa de arrabalde, onde eu estudava, brincava e movia-me despreocupadamente sob os olhares benevolentes de meus pais. (LISPECTOR, 1979, p. 43).

Mesmo descrevendo um ambiente tranquilo e sem conflitos, a protagonista sinaliza a dependência do olhar do outro, já que nesse ambiente, muitas vezes, encontrava-se em estado de angústia e melancolia. Cristina, como “uma jovem qualquer” (LISPECTOR, 1979, p. 45) tinha sonhos de se casar, ter filhos e “finalmente ser feliz” (Idem). Então, casa-se aos 19 anos

com Jaime, homem de temperamento pouco ardente e que ela considerava como prolongamento de seus pais e de sua casa anterior. Até certo momento da narrativa, o comportamento de Cristina é descrito dentro do modelo para o qual a mulher brasileira dos anos 40 era destinada: ser comedida, boa esposa, contribuindo para o sucesso do marido e organização da casa. A vida da protagonista girava em torno das quatro paredes que sustentavam seu mundo: “Jaime. Eu. Casa. Mamãe” (Ibidem).

Nessas duas narrativas, como foi dito antes, o que se pretende não é discutir o conceito de gêneros — já que se trata de um romance e de um conto —, mas expor, em uma análise interpretativa, as duas personagens como indivíduos que se veem na difícil condição de construtores de si mesmos e que, mesmo assim, transcendem as circunstâncias mundanas fora de si e olham para suas possibilidades ontológicas. Com isso, no decorrer das narrativas, mostram-se como seres para os quais a realidade imediata interessa à medida que provoca reflexões na consciência individual. Assim, os cenários externos não se constituem apenas como lugar de suas ações, mas ambiente que reflete a agitação interna de quem se sente existencialmente perdido e não vê, ao redor, um espaço onde possa aplacar o tormento.

Por isso, o suporte teórico principal para o estudo dessas personagens será o tratado filosófico *Ser e tempo*, de Martin Heidegger (2001), uma vez que, mesmo saindo do processo de entificação no qual essas duas personagens se encontravam para se constituírem enquanto ‘ser’, a definição deste é fugidia porque o ser dos entes não pode ser constituído por outro ente, muito menos há um modelo de ser que possa ser utilizado como parâmetro para definição; caso o faça, não haverá a construção da identidade humana, algo que se faz individualmente. Por isso, Heidegger diz que “a impossibilidade de se definir o ser não dispensa a questão de seu sentido, ao contrário, justamente por isso a exige” (2001, p. 29). Cabe então lembrar que impossibilidade de definição do ser implica o movimento contínuo de dar forma e sentido às coisas e impõe a necessidade de flagrar o ser como ato e não como coisa formada.

Tal estudo é possibilitado porque, de acordo com Alfredo Bosi (1996), por abordar temas ontológicos, Lúcio Cardoso se encaixa no rol de escritores de formação espiritualista — centrado em uma narração de cunho intimista — como Clarice Lispector, Pablo Neruda, Kafka, Walter Benjamim, entre outros. Em concordância com esse pensamento, postula que Lúcio

diretamente implantado numa linha de sensibilidade e pensamento que, vindo dos trágicos gregos, atravessa plenamente, e muitas vezes parece se perder na densa planície do sentimento cristão da existência, para vir enfim aflorar, talvez como um gemido de maldição e protesto, nos mais elevados e

intratáveis cumes da angústia e do desespero de nossos dias (BOSI, 1996, p.659).

Com tais palavras, é possível voltar o olhar para a constituição da narrativa de *Crônica da casa assassinada* e perceber que dela emergem indivíduos convivendo com o que há de mais doloroso na existência humana: a rejeição por si mesmo. Esse sentimento fica nítido nas palavras da personagem Ana:

ao longo das linhas que se acumulam diante de mim apenas deixo transbordar a minha alma e tudo o que nela vai de tremenda confusão. Esta é que é a verdade, padre, a única que realmente posso evidenciar nesta carta — e no entanto, para atirar-me a esta confissão, foi necessária uma certeza que ainda hoje me faz tremer, uma consciência aguda e martirizada que vale mais do que todos os atestados juntos. Qual é a verdade?

Creio que é uma evidência mais pressentida do que enunciada. Padre, acredito ter visto a presença tangível do Diabo e, mais do que isto, ter alimentado com meu silêncio, e a minha aquiescência portanto, a destruição latente da casa e da família que há muitos anos são as minhas. (CARDOSO, 1959, p. 99).

Essa exposição mostra a introspecção psicológica presente na narrativa, o que cria um clima tenso e de suspense não tão comum na literatura brasileira.

Com relação à escrita de Clarice Lispector, Benedito Nunes (1973) afirma que esta “acentua-se com a sondagem interior descendo ao nível microscópico onde a causalidade é minúscula e minuciosa, um horizonte reflexivo e até especulativo de sondagem existencial” (p. 20). Quando se pensa na narrativa do conto “Obsessão”, observa-se o nível microscópico de que fala Nunes quando a personagem Cristina se afasta dos fatos do mundo social para exame do processo contínuo da existência, com todas as suas angústias, limitações e possibilidades, como são possíveis de percepção em:

No entanto era a verdade. Eu, tão simples e primitiva, que jamais desejara qualquer coisa com intensidade. Eu, inconsciente e alegre, “porque possuía um corpo alegre”... De repente, despertara: que vida escura tivera até então. Agora... agora eu renascia. Vivamente, na dor, nessa dor que dormia quieta e cega no fundo de mim mesma. (LISPECTOR, 1979, p. 60).

Nesse contexto, a narrativa revela o mesmo movimento de incompletude a que o homem está sujeito, assim como a dificuldade de marcar os limites temporais de início e fim de suas inquietações internas.

Dessa forma, ao se pensar nas personagens Ana e Cristina, fica evidente que a concepção do casamento ocorreu em circunstâncias e desejos diferenciados, mas o percurso narrativo apresentados por essas duas mulheres ganha aspectos de proximidades por

proporcionar características comuns como solidão e desejo, dois elementos que mantêm relação intrínseca com o estado de falta. Outra contiguidade na vida experienciada por essas duas mulheres está na marcação antes, durante e depois da vivência de uma paixão. Isso porque a paixão é um divisor de águas na vida dessas personagens, pois, por meio dela, ambas passam da integração cega aos lugares, funções e valores dominantes, vinculados à ordem social, para uma posição crítica e solitária na qual a autoconsciência se articula com a melancolia e com certo mal-estar no que diz respeito à mulher na sociedade e na cultura. Dessa forma, a atitude dessas mulheres manifesta um impasse entre a consciência crítica por elas conquistada e o limite de suas possibilidades de libertação das coerções sociais.

Entre a confissão e a obsessão

Por meio dos relatos apresentados em *Crônica da casa assassinada*, na visão de todos os integrantes da Chácara dos Meneses, Ana vivia totalmente submissa à casa e as suas vontades não eram levadas em consideração. Com efeito, a própria Ana tinha dificuldades para se perceber como pessoa e, em uma das suas confissões, ela relata:

Nunca sai sozinha, nunca vesti senão vestidos escuros e sem graça. Eu mesma (ah, padre! Hoje sei disto, hoje que imagino como poderia ter sido outra pessoa — certos dias, certos momentos, as clareiras, os mares em que poderia ter viajado! — com que amargura o digo, com que secreto peso sobre o coração [...]) (CARDOSO, 1959, p. 99).

Contudo, a mudança da visão sobre si mesma não foi desencadeada no de repente de uma autoavaliação, pois veio a partir do momento em que Nina, uma mulher acostumada em uma vida de cidade grande, casa-se com Valdo, o irmão do meio de Demétrio, e passa a morar na chácara. A presença dessa nova moradora desencadeia uma espécie de ruptura com a rotina da família e sacode as estruturas da casa dos Meneses. De todos os integrantes, Ana é a personagem mais afetada, pois começa a desejar uma infinidade de coisas e atitudes que antes não lhe tinham sido despertadas, ou seja, começa a olhar para si mesma e avaliar a vida amarga à qual tinha sido imposta.

O despertar a partir da presença do outro é também visto na personagem do conto de Clarice Lispector. Depois da necessidade de viajar em detrimento de uma doença, Cristina é ‘lançada a uma liberdade’, conforme ela mesma afirmara, e conhecerá Daniel em decorrência da escuta de uma conversa entre o rapaz e outro hóspede da pensão em que estavam. Pelo diálogo acompanhado, ela se sente atraída por Daniel por reconhecer nele, exatamente, o oposto de si.

E a mim, surpresa e divertida: nunca ouvira alguém insurgir-se contra o trabalho, “uma obrigação tão séria”. O máximo de revolta de Jaime ou de papai concretizava-se apenas em forma de lamento, sem importância. De um modo geral, nunca me lembrara de que se pudesse não aceitar, escolher, revoltar-se... (LISPECTOR, 1979, p. 49).

Ela, que estava acostumada com uma vida sempre no mesmo ritmo de obediência, que aprendera com o pai a importância das relações de trabalho na vida do indivíduo, uma aprendizagem que se estendera depois do casamento em detrimento do comportamento do marido Jaime, sentiu-se fortemente atraída por sua antítese e, por mais que tentasse evitá-lo, tudo foi um esforço vão, pois “Daniel era o perigo. E para ele eu caminhava”. (LISPECTOR, 1979, p. 49). O desejo por aquele homem desconhecido se intensifica quando ele afirma que “As realizações matam o desejo.” (LISPECTOR, 1979, p. 50). As falas de Daniel levam Cristina a entrar em contato com o primado do desejo, de seus desejos antes tão desconhecidos, principalmente o desejo de busca por esse eu também desconhecido.

Ainda que tenha sido necessária a presença do outro para que essas personagens pudessem refletir acerca da própria condição, não se pode descartar que se trata de personagens que rompem a crosta daquilo que, em sentido lato, pode-se denominar ‘hábitos sociais’, ou seja, um conjunto de formas habituais de comportamento e de compreensão da existência para constituírem-se por meio de suas escolhas. Pelo que foi exposto, tanto em Ana quanto em Cristina é possível perceber, analogicamente, que em grande medida o indivíduo recebe a vida feita, pois o eu social é um princípio anônimo e objetivo, uma estrutura à qual deve se adequar para a inserção em determinado grupo, logo, a consciência de existir é rara. Ana confessa que fora educada para pertencer a uma família específica, ser uma dona de casa, cumprindo assim um papel social. Da mesma maneira Cristina fora moldada pela obsessiva aceitação dos fatos sociais.

Pela descrição das duas é possível perceber uma anulação do indivíduo relacionada à massa dos homens comuns que se concentra nos objetos externos e posições para, assim, condicionar sua felicidade. Na vida cotidiana, as pessoas esquivam-se de refletir acerca da própria condição de ser-no-mundo a fim de se concentrar na existência das coisas, o que implica a cristalização do ser, num contorno existencial definido, conforme é possível observar no papel social ao qual Ana e Cristina estavam submetidas.

Opressão e paixão em solo feminino: Ana e Cristina em relevo

Nas duas produções literárias, o comportamento humano e a luta com o poder expressivo da linguagem são temas preferenciais da meditação filosófica das personagens,

uma vez que colocam a atualidade do ‘fazer-se’ por meio da palavra instauradora de sentido antes das determinações estáticas do ser. A realidade primeira de estar-no-mundo é a de que a ação possibilita a própria construção do ser e estudá-lo é indispensável para o entendimento de que não existe um modelo definido sob o qual a criação ficcional possa ser elaborada, uma vez que o humano é constituído pela heterogeneidade e não pode ser compreendido por meio de um esquema pré-estabelecido de valores e normas.

Então, a personagem Ana é posta em questionamento pelo outro (Nina), por meio da heterogeneidade opositiva de que foram construídas, como se pode observar em:

Então ela se levantou, veio até mim: “Você gostaria de ser assim, não gostaria? Confesse, que não daria neste mundo para ter cabelos iguais aos meus?” Senti os olhos se encherem de lágrimas. Nina devia ter percebido o que se passava, pois afastou-se um ou dois passos e silêncio, depois disse: “Perdoe-me, às vezes me esqueço com quem estou falando...” Aquela condescendência ainda me feriu mais do que as palavras anteriores. (CARDOSO, 1959, p. 98).

A figura oposta ao que Cristina representava também não passa incólume pelo outro que a enche de perguntas como: “– Cristina, você sabe que vive? [...] — Cristina, é bom ser inconsciente? [...] — Cristina, você nada quer não é mesmo? [...] — Cristina, você quer que eu a acorde?” (LISPECTOR, 1979, p. 58). Então, com essas conversas, Cristina desperta em si aspectos interiores adormecidos há muito tempo. Cabe ressaltar, aqui, que as mesmas perguntas feitas a Cristina poderiam ser destinadas também à Ana, uma vez que a personagem cardosiana vivia alheia à própria existência em detrimento da anulação para servir à família dos Meneses.

Instigadas à autoanálise, Ana e Cristina entram em um processo de transformação relacionado ao desejo da busca de si, cada uma à sua maneira. Nesse aspecto, mais uma vez se faz presente a filosofia heideggeriana no que se refere ao fazer originário do ser. No tratado filosófico *Ser e tempo* (2001), Martin Heidegger diz que o homem não é criatura passiva, ao contrário, ele é criador do mundo existente. Nesse caso, pode-se dizer que a verdadeira existência do homem consiste em instituir o seu próprio destino no modo como se relaciona com os seres ao seu redor. É nesse sentido que se colocam as personagens cardosiana e clariciana: a realidade, antes vista como a adequação do ser a um modelo pré-determinado, mistura-se com a sua execução. Cabe lembrar que embora Heidegger pouco tenha usado o termo ‘homem’, este pode ser entendido pela estrutura do *Dasein*, traduzida na versão

utilizada nesse estudo por ‘pre-sença’². Já que é na pre-sença que o homem constrói o seu modo de ser, ele não se esgota em sua exteriorização, logo, é necessário partir das coisas como se apresentam para encontrar o ser.

Essa autoconstrução de que fala Heidegger, partindo da pre-sença, é o que ocorre com Ana e Cristina. Após a conversa com Nina, mesmo tendo como mote um fato banal, Ana percebe que sua interlocutora é completamente o oposto de si no que se refere ao agir, e é a visão desse oposto que desencadeia seu processo de mudança na busca da identidade que lhe fora negada desde a infância. A primeira observação acerca da própria anulação vem desde aspectos externos: “A todo momento examinava os sapatos antigos que calçava, as velhas roupas sem graça, meus modos exatos, meu sorriso sem juventude” (CARDOSO, 1959, p. 98), até os internos: “Foi esta curiosidade que me revelou a presença tácita do demônio” (Idem).

Cristina também começa a perceber em si aspectos íntimos dos quais estava alheia até então:

Talvez Daniel tenha agido apenas como instrumento, talvez meu destino fosse mesmo o que segui, o destino dos soltos na terra, dos que não medem suas ações pelo Bem e pelo Mal, talvez eu, mesmo sem ele, me descobrisse um dia, talvez mesmo sem ele, fugisse de Jaime e de sua terra. Que sei eu? (LISPECTOR, 1979, p. 52).

Desperta para a busca do autoencontro, essas duas mulheres iniciam o processo de construção no que se refere ao modo de ser, suas existências, suas histórias. Ana, ainda que guiada pelos atos de Nina, depara-se com uma nova realidade até então desconhecida em relação ao outro, agora na figura de um homem:

... pela primeira vez eu via Alberto, e o via de vários modos simultâneos: primeiro, que era moço, segundo, que era belo. Não o vi belo como o era naquele instante preciso, mas belo como devia ter sido antes de conhecer Nina, puro e tranquilo, na simplicidade de sua pequena alma provinciana. Agora, talhado em dois, o ser antigo e o novo se confundiam na mesma escura beleza, erguendo-o ante meus olhos, um pouco ao acaso, desalinhando como esses deuses que a lenda subitamente inventa da espuma e do vento. Eu o adivinhava retrospectivamente, se assim se pode dizer, não como Nina o amava, mas como eu, talvez, o tivesse amado. Hoje ele era outro, mas eu sabia que ele era outro. (CARDOSO, 1959, p. 100).

² É necessário esclarecer os motivos pelos quais em *Ser e tempo* preferiu-se utilizar a expressão ‘pre-sença’ para traduzir *Dasein*. A tradutora assim se explica: “É na pre-sença que o homem constrói o seu modo de ser, a sua existência, a sua história, etc.” (SCHUBACK apud HEIDEGGER, 2001, p. 309).

A busca do encontro com o outro, marcando o processo de modificação da personagem, é também visualizada em Cristina com relação a Daniel: “E assim conheci Daniel. Não me recordo dos detalhes que nos aproximaram. Sei apenas que fui eu que o procurei.” (LISPECTOR, 1979, p. 52). Nesse momento, as duas personagens se aproximam ainda mais, já que agora ambas viverão grandes conflitos advindos da relação com o sexo oposto: Ana e as conseqüências da paixão por Alberto; Cristina e seus conflitos advindos da relação com Daniel.

Contudo, é preciso ressaltar que, em sentido ontológico, o homem é a proposição de suas escolhas, e tudo quanto ofusque o sentido dessa lei fundamental resulta no falseamento e na ocultação do ‘ser’. Então, colocando-se como pre-sença e fazendo suas escolhas, Ana busca construir-se por meio da relação com o outro, Alberto; e Cristina, com Daniel. Porém, em meio a tantas indagações dessas mulheres acerca da causalidade das transformações desencadeadas, esses homens são revelados. Ao se aproximar de Alberto, Ana tenta fazer com que ele perceba nela algum ponto de identificação ou de interesse, contudo:

êle quem se dirigiu a mim como se fosse eu uma abstração, como se eu não existisse, ou se apenas continuasse o ser incolor que êle se achava habituado a cumprimenta [...]Eu o segurava, sacudia-o, como se houvesse perdido o juízo. Ele acordou, fitou-me um minuto, assombrado, depois começou a rir. Não percebi de pronto aquêle riso — era uma coisa vagarosa, de uma luz concentrada e fria, que aos poucos evaporava a sombra acumulada em seu rosto. De um só golpe compreendi toda a verdade: ah, como eu devia ser ridícula metida em meu vestido escuro, com os cabelos lisos amarrados em toque, os lábios estreitos apertados para a primeira injúria, para a primeira mentira, para a primeira oferta... (CARDODSO, 1959, p. 101).

Desse fragmento, depreende-se o início da angústia de Ana, pois esta se vê rejeitada, mesmo depois da ‘primeira oferta’, por esse homem que tanto desejava. Semelhante sentimento ocorre com Cristina ao perceber a personalidade destrutiva de Daniel:

Conheci mais tarde o verdadeiro Daniel, o doente, o que só existia, embora em perpétuo clarão, dentro de si próprio. Quando se voltava para o mundo, já tateante e apagado, percebia-se sem apoio e, amargo, perplexo, descobria que apenas sabia pensar. [...] Talvez tivesse permitido minha aproximação num desses momentos em que precisava da ‘força oposta’. Ainda: E agora sei, tanto procurou me esmagar e humilhar-me, porque me invejava. Desejou acordar-me, porque desejava também que eu sofresse, como um leproso que secretamente ambiciona transmitir sua lepra aos sãos. (LISPECTOR, 1979, p. 53/56).

Por meio das descrições de Cristina, vê-se que Daniel buscava prazer de uma forma extremamente narcísica e ignorava a dependência do outro, inclusive como necessária ao próprio processo de identificação. Nas duas narrativas, é possível notar o que motivou a

aproximação desses homens a essas mulheres. Alberto aceita a oferta de Ana porque foi usado, ignorado e abandonado por Nina; Daniel permitiu a aproximação de Cristina em um dos momentos em que ele parece necessitar de um ser oposto, vendo nela uma capacidade de adaptação ao mundo que ele mesmo não possuía.

As atitudes das duas personagens de abandonar a ‘estereotipação’ a que estavam sujeitas e fazerem suas escolhas por meio dos aspectos de realidade que lhes foram revelados, dialogam com o estudo do filósofo Regis Jolivet (1961) no que se refere à possibilidade que o homem tem de enxergar para além da aparência das coisas. Para ele, nesse momento, “os conceitos sociais, as palavras, aparecem como simplesmente pousadas na superfície das coisas; desde que abrimos um pouco mais os olhos, eles se desvanecem e nos abandonam, face a face com coisas indefiníveis” (p. 35). O que o filósofo afirma é que o mundo não é um simples conjunto das coisas numeráveis e conhecidas; as coisas expõem-se ao homem para serem transcendidas e, nesse processo, só ganham relevo os seres que participam do projeto existencial. Ideia essa partilhada por Heidegger (2001), uma vez que o pensador alemão desacredita na estabilidade das coisas ou de uma ordem moral objetiva exterior ao homem.

Morte e vida como marcas das personagens

Foi visto, seguindo o trajeto de Ana e Cristina, que a liberdade é a parte constituinte da existência humana e que o homem não pode ter um ‘ser’ fixo e determinado. Mais que isso, não há um ‘modelo’ de homem a ser seguido, pois o ‘ser’ é um projeto sempre incompleto de suas possibilidades. Assim sendo, essa sensação de incompletude é vista na problematização da existência de Ana por meio de suas reflexões. Após ser despertada de sua condição, após ter se aproximado de Alberto e ter sido rejeitada, Ana, além de não compreender o processo de mudança pelo qual passou, passa a ter que conviver com a angústia que a consumia, conforme se observa nas revelações de sua segunda confissão:

Aqui estou, e indago de mim mesma, o que adiantará êsse arrolamento indistinto de males, essa queixa contínua que não consigo reprimir no fundo do coração? [...] Vivia bem até o momento em que compreendi que me achava sufocada, em trevas, e essas trevas, que não me pesavam antes, agora me causam uma insuportável sensação de envenenamento. Sem ar, é como se me debatesse dentro de um elemento viscoso e mole; no fundo do meu espírito, uma força tenta romper uma camada habitual, revelar-se, impor a sua potência que eu desconheço e não sei de onde vem. (CARDOSO, 1959, p. 145).

Esse aspecto doloroso da existência de ter que conviver com as mudanças incompreendidas do ser é também visto na personagem Cristina quando esta precisa retornar à

vida de antes de conhecer Daniel em detrimento da doença de sua mãe. Nessa fase, as dificuldades de readaptação são desencadeadoras de angústias quase incontroláveis:

Eu disfarçava a angústia e inventava um pretexto para me retirar por alguns momentos. No quarto mordía o lenço, sufocando os gritos de desespero que ameaçavam minha garganta. Caía na cama, o rosto afundado no travesseiro, esperando que alguma coisa acontecesse e me salvasse. Começava a odiá-los, a todos. E desejava abandoná-los, fugir daquele sentimento que se desenvolvia a cada minuto, mesclando uma piedade deles e de mim mesma. Como se juntos fôssemos vítimas da mesma e irremediável ameaça. (LISPECTOR, 1979, p. 66).

Esse encontro com a angústia, para essas duas personagens, deve-se, principalmente, ao fato de que os outros lhe parecem estranhos e incompatíveis com suas consciências “envenenadas”, em um processo de constituição de um eu que não encontra afinidades com algo que lhe seja familiar e se afasta cada vez mais dos outros e de si mesma. Em contrapartida, na busca de compreenderem o processo de transformação pelo qual passaram, as duas personagens acreditam que a presença do outro (Alberto e Daniel) é necessária para que sobreviva o desejo de descoberta e de conhecimento. Devido a isso, toma, cada uma, a decisão de ter esse outro por perto. Ana, sabendo que não tinha reciprocidade em relação ao sentimento por Alberto, prefere tê-lo morto a pertencendo a outra. Então, mesmo sabendo dos planos do jardineiro em cometer suicídio, prefere não interferir e, efetivamente, Alberto se mata. Entretanto, após guardar um grande período de dor em detrimento de toda a transformação e suas consequências, Ana vai abandonando a escravidão de sentimento a que se impusera em relação ao jardineiro e chega à seguinte conclusão:

Alberto foi morrendo aos poucos para mim, minuto a minuto, hora a hora, dia a dia, e eu acompanhava, calada e lúcida, essa agonia que se estendeu ao longo de anos. Sim, êle morreu em mim de infindáveis mortes; ora através de um tronco em que se encostara, e que perdia seu aspecto de magia para transformar-se simplesmente em tronco; ora através de um caminho do jardim que esmorecia o seu encanto - quantas vezes eu o trilhara! - para converter-se numa vereda sem importância, que não me atraía mais, e que na verdade nunca mais atravesssei. Assim, tudo o que o rodeara, que vivera com êle, dêle, ou servira de testemunho sua passagem por êste mundo, fôra perdendo o efeito, enrijecendo-se, e incorporando-se ao resto anônimo e sem interesse das coisas. Tal foi o modo como morreu Alberto, de sua longa morte, de sua morte maior do que sua própria existência. (CARDOSO, 1959, p. 302)

Já a personagem Cristina, após decidir retornar para Daniel, vai, aos poucos, percebendo que a vida ao lado deste homem foi se tornando morna e silenciosa, o que a narradora nomeia de morte ideal. Relata a protagonista: “Já não o ouvia fremente, exaltada, como outrora. Eu nele entrara. Nada mais me surpreendia.” (LISPECTOR, 1979, p. 75). Será

nesse ambiente morno e indiferente que eclodirá o clímax do conto, pois a narradora é despertada por um desapontamento a ponto de se esgotar todo o desejo e interesse de estar ao lado de Daniel:

Servira já o meu tempo de escrava. Talvez continuasse a sê-lo, sem revolta, até o fim da vida. Mas servia a um deus... E Daniel fraquejara, desencantara-se. Precisava de mim! Repeti mil vezes depois, com a sensação de ter recebido um belo e enorme presente, grande demais para meus braços e para meu desejo. E o mais estranho é que acompanhava esta impressão uma outra, absurdamente nova e forte. Estava livre, descobri, afinal... (LISPECTOR, 1979, p. 77).

Cristina parece perceber que a força opressora deste homem perdeu sentido. Embora ele tenha sido, por muito tempo, instrumento que a despertou para a busca do autoconhecimento, naquele momento vê que não se moldara totalmente ao/no outro e que precisa seguir em frente, buscando novos caminhos. Nessa possibilidade, reflete: “De que matéria sou feita onde se entrelaçam mas não se fundem os elementos e a base de mil outras vidas? Sigo todos os caminhos e nenhum deles ainda é o meu. Fui moldada em tantas estátuas e não me imobilizei...” (LISPECTOR, 1979, p. 77).

Assim, enquanto em Ana desponta o sentimento de morte, pois ela mesma declara que “o que me interessa é exprimir o terrível desinteresse de viver, isto a que alguém, num momento de assomo de lucidez, chamou muito sensatamente de tarefa para os medíocres.” (CARDOSO, 1959, p. 362); Cristina retorna à vida conjugal mesmo mantendo a consciência da própria solidão e da permanência da busca do autoconhecimento. Logo, de um lado Ana encontra a morte: “de pé no quarto já quase totalmente escuro, verifiquei que Ana Meneses não existia mais” (CARDOSO, 1959, p. 507); do outro, Cristina continua na busca de algo que dê sentido à própria vida: “Quanto a mim, continuo. Já agora sozinha. Para sempre sozinha.” (LISPECTOR, 1979, p. 82).

No que tange ao fim da personagem de Lúcio Cardoso, é possível perceber que Ana vai de encontro ao que Heidegger define como autenticidade do ser, que consiste na própria visualização de ser-para-morte. Para o pensador, mesmo em sua ocupação diária, o homem não abandona a corrente de pensamentos reflexivos acerca do absurdo de que nasce para morrer, aceitando isso não como uma deserção da vida nem com uma atitude depressiva que consista em lamentar a própria sorte; ao contrário, percebe que a condição de se ver lançado no mundo é ver-se, também, como um ser-para-morte. Contudo, Ana não consegue essa visualização de si, e em seu lamento diz: “Padre, e eu, não estou salva também, não pequei como os outros, não existi?” (CARDOSO, 1959, p. 506). Ana reconhece o próprio existir,

reconhece que construiu a própria existência, porém assume uma atitude de lamentação acerca do próprio fim, numa espécie de esquecimento da morte, a despersonalizando-a, fazendo dela um evento puramente biológico, recusando-se a meditar sobre aquilo que é uma experiência a qual todos os seres se submetem individual e solitariamente. Nesse esquecimento, busca, por meio do Padre Justino, o perdão de Deus.

Já Cristina, de Clarice Lispector, mesmo tendo retornado ao casamento que tanto a anulara, mostra-se na continuidade de seu projeto existencial, que consiste na possibilidade de transcender o meramente dado por meio de seu processo de evolução interna, configurando o que Heidegger diria em relação à distinção de ser homem e ser coisa. Para ele, não se pode ser homem como se é pedra, céu ou árvore porque o homem é convocado à humanidade, ou seja, a tornar-se homem. Como não há um modelo prévio de existência, o ser não tem outro recurso senão transcender para o poder-ser, assumindo, com isso, todos os riscos inerentes a tal atividade. Cristina assume esse risco quando decide continuar na busca de algo que dê sentido à própria vida, ou seja, decide continuar seu projeto existencial.

Considerações finais:

Pela descrição das duas personagens é possível notar, na composição dessas obras, que a concepção de mundo retratada nada tem a ver como algo estático e acabado, já que a relação ser-mundo é organizada, partindo do interior do homem em um processo de volição pessoal. Assim, fica nítida a percepção de que o homem não é um ser feito, mas um ser que se faz, tendo como sua única predeterminação ter de se fazer até seus últimos detalhes. Dessa forma, contrária à visão de que o homem encontra-se inserido num mundo que independe dele, é ele o próprio instaurador do sentido do mundo por meio de seus atos. Como o ser está em constante transformação, não há identificação com nenhuma forma fixa, como pôde ser observado nas condutas de Ana e Cristina, logo, não há outro recurso a não ser a busca do autoconhecimento, assumindo, com isso, todos os riscos inerentes a tal atividade, ressaltando que, contrário ao comportamento de Ana, o ser completa seu projeto de ser-homem, reconhecendo-se como um ser-para-morte.

Dessa forma, é válido ratificar, por meio da comparação entre essas duas personagens que as afinidades artísticas e os interesses literários de Lúcio Cardoso e Clarice Lispector não tem como base apenas a amizade que existiu entre ambos, mas também um projeto intimista de elaboração de narrativas, contribuindo, cada um a seu modo, para o consolidação do projeto intimista da prosa brasileira.

Referências:

- BOSI, Alfredo. “Um grande folhetim tumultuosamente filosófico”. In: CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Edição crítica, coordenação de Mário Carelli. 2º ed. São Paulo: ALLCA XX, 1996. (Coleção Archivos).
- CARDOSO, Lúcio. *Crônica da Casa Assassinada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1959.
- HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Trad. de Marcia Sá Cavalcante Schuback. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. v. 1.
- JOLIVET, R. *As doutrinas existencialistas*. Trad. De Antonio de Queirós Vasconcelos e Lencastre. 3. ed. Porto: Tavares Martins, 1961.
- LISPECTOR, Clarice. *A bela e a fera*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.
- LISPECTOR, Clarice. Obsessão. In: _____. *A bela e a fera*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979. p. 41-82.
- NUNES, B. *Leitura de Clarice Lispector*. Petrópolis: Vozes, 1973.

Artigo recebido em: 22/02/17

Artigo aceito em: 12/03/17